

RESENHA

ENGELS, Friedrich. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Tradução: B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2010.

Camila Silva da Cruz

Universidade Federal do Pará, Licenciatura Plena em Geografia, Belém, Brasil

cruzcamilageo@gmail.com

Nascido em 28 de novembro de 1820, Friedrich Engels foi o primeiro de oito irmãos, filho de um rico industrial têxtil que aspirava torná-lo seu sucessor. Termina sua formação secundária no ano de 1837 e já neste momento revelava suas inclinações estéticas para poesia, música e desenho. Impedindo-o de frequentar regularmente a universidade, seu pai o envia a Bremen, no norte da Alemanha, onde permaneceu por dois anos, nesse período conciliou suas obrigações comerciais com leituras profundas na literatura e filosofia alemã. Em 1842 Engels rumo para Inglaterra com o objetivo de estagiar na empresa (Ermen & Engels) a qual sua família era associada, nesse mesmo ano tem seu primeiro (não amistoso) encontro com Karl Marx, que está na direção do jornal *Gazeta Renana* (1842-1843), com o qual Engels já colaborava.

Engels permanece na Inglaterra por 21 meses, tempo este decisivo na vida do jovem rapaz que se dedicou a estudar intensamente, a economia política, o processo de industrialização e urbanização. Esse período é fundamental para a consolidação da sua opção vital. Em seu retorno para Alemanha no final de agosto de 1844, Engels já é decididamente comunista. Ao retornar passa por Paris, local onde ocorre seu segundo encontro com Marx, que agora já o vê de outra forma, depois de tomar conhecimento de um texto de sua autoria que será fundamental no desenvolvimento das obras que viria a construir, texto este intitulado “*Esboço de uma crítica à economia política*”. Nesse período Marx percebe o desenvolvimento de um novo sujeito social, e assim começa desenha a sua concepção de proletariado. Um dos textos fundamentais para a construção do conceito de classe trabalhadora em Marx é o que nós vamos trabalhar nesta resenha.

O texto em questão “*A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*”, publicado em 1845 é considerado pelo historiador Eric J. Hobsbawm um marco na história do capitalismo e da moderna sociedade industrial, um texto erudito e apaixonado que consegue conciliar denuncia e análise. Nele Engels nos mostra o que foi e como se deu a revolução industrial,

toma como recorte o território inglês e mostra que seu principal fruto foi o proletariado. Mas para que entendamos como se dá a constituição desse novo sujeito social o autor faz um breve apanhado de como viviam os trabalhadores antes de se tornarem operários e ressalta que apesar destes trabalhadores estarem *intelectualmente mortos*, viviam exclusivamente para seus interesses privados e mesquinhos.

A obra é dividida em onze capítulos mais a introdução, para que nossa conversa não fique muito extensa farei um apanhado dos principais capítulos que vão nos dar um panorama deste magnífico trabalho.

Com a chegada da primeira máquina de fiar a rotina das famílias é modificada, gerando a divisão entre fiação e tecelagem, nos possibilitando perceber o surgimento do proletariado industrial, o que nos leva as consequências da vitória do trabalho mecânico sobre o manual, que são: I) Redução dos preços das mercadorias manufaturadas; II) Crescimento do comércio e indústrias; III) Conquista de mercados estrangeiros sem proteção; IV) Crescimento do capital e da riqueza nacional; V) Crescimento acelerado do proletariado; VI) Destruição da propriedade e da segurança de trabalho para a classe operária; VII) Degradação moral e agitações políticas. Engels, ainda na introdução, faz um passeio pela evolução das máquinas e a influência delas para a revolução industrial.

Já no primeiro capítulo é abordado o avanço da revolução industrial. A população que sediava essas fábricas costumava aumentar, e com isso a divisão de trabalho ficava cada vez mais acentuada, houve aumento na demanda por produtos agrícolas, com a saída dos trabalhadores do campo para as indústrias a Inglaterra que antes exportava trigo passa a importar. Surgem infraestruturas que são produtos da indústria privada, como estradas para auxiliar na penetração da civilização em áreas selvagens, construção de canais navegáveis. Engels mostra a partir dessas mudanças que determinados atores e objetos convertem-se como os instrumentos em máquinas; oficinas em fábricas; a classe média trabalhadora em proletariado; os grandes negociantes em industriais. A partir dessa mudança a pequena classe média é eliminada e a população reduzida à contraposição de operários versus capitalistas.

Como consequência da consolidação do proletariado, o autor nos mostra o surgimento da classe, a contar do momento que há uma união que possibilita a consciência de sua força que vai fazer com que essa classe exija a participação nas vantagens que ela mesma proporciona as instituições sociais.

Como já comentamos anteriormente, é feito uma análise do processo de industrialização, mas também é analisado o processo de urbanização que está intrinsecamente ligado ao anterior, e como sabemos esse processo é muito caro a nós estudantes de geografia e geógrafos, e para que entendamos esse movimento, ele conversa um pouco conosco sobre a guerra social introduzido a ideia de assassinato social que seria configurado pela morte por fome.

A investigação das condições que essa guerra social impõe a classe que nada possui vai ser feita com base em: 1) Habitação; 2) Vestuário; 3) Alimentação.

1) *Habitação*: esse tópico é fundamental para que entendamos como se dá a divisão de uso da cidade, mostra que o processo de urbanização não se deu por meio de planejamento, mas sim ao acaso. As limitações nos bairros operários são muitas, até o ar para respirar é pouco. Mas mesmo diante dessa urbanização ordenada pelo caos tentou-se esconder a miséria dos olhos da classe abastada.

As estruturas dos bairros são analisadas minuciosamente por Engels que nos mostra como eles foram construídos, e a partir dessas análises conseguíamos até perceber a idade dos bairros, e porque é importante sabermos a idade dos bairros? Porque esse era um forte argumento para os industriais quando questionados sobre as moradias precárias, e também gera um olhar muito interessante para a geografia.

Mostra que as casas existentes nesses bairros de “má fama” não eram construídas pelos donos das terras, e sim por locatários, o que fazia com que a manutenção dos imóveis fosse precária ou até mesmo inexistente. Quanto à higiene do local, ele mostra que não há, e que não é que não queiram (os proletariados) serem limpos; problema é que não há a possibilidade de limpeza e muito menos de conforto, tornando a vida familiar perigosa.

2) *Vestuário*: Engels vai tão fundo em sua análise que observa até mesmo os tecidos os quais eram feitas as roupas dos trabalhadores, que ele irá caracterizar como impróprios e inadequados ao clima.

As roupas da época eram feitas basicamente de algodão e lã, a primeira matéria servia para fazer as roupas utilizadas pelos proletariados, por ser um material de qualidade inferior, que absorvia mais umidade e conseqüentemente permanecia mais tempo molhado, já a lã era utilizada na confecção das roupas da classe abastada, tinham características impermeáveis o que os protegia da umidade.

3) *Alimentação*: quanto a alimentação fica claro que nas grandes cidades pode-se encontrar de tudo em grande oferta e variedade, mas como uma pessoa que sobrevive com tão pouco vai pagar? Outro ponto levantado e que os produtos de qualidade chegam ao mercado pela manhã e os operários recebem – alguns – na sexta-feira a noite e muitos apenas no final do sábado, mas a realidade é que mesmo que conseguissem chegar cedo não teriam condição de comprar. Inclusive alguns apelavam para as mercadorias que nem poderiam mais ser vendidas, compravam carnes em estado de putrefação, produtos como manteiga, cacau, café, cigarros de tabaco eram adulterados antes de chegarem às mãos dos trabalhadores, que por não serem acostumados com boa mesa não percebiam.

Mas o pobre não sofre apenas na questão da qualidade dos alimentos, sofre também na quantidade, quando enganados por pesos falsos e balanças viciadas.

Após observamos esses três aspectos é claramente posto em pauta um quarto que está atrelado aos anteriores, que é a saúde dos trabalhadores, sempre muito debilitada seja pela higiene, moradia e alimentação. Juntando esses aspectos conseguimos perceber a escala de diferentes condições de vida que Engels ressalta, e a instabilidade desse trabalhador diante da mesma, o que possibilita que este personagem tenha de percorrer todos os degraus da escala, do modesto conforto à privação extrema, com risco de morte pela fome.

É feita a análise da concorrência no terceiro capítulo, fato este que é visto como a guerra de todos contra todos na sociedade burguesa, um método decisivo para a sobrevivência do sistema fabril e a arma mais eficiente da burguesia, mas também é o que existe de pior na vida do proletariado, pois alicerçado nesse fato o operário se vê como escravo da burguesia, a qual tem poder de vida ou morte sobre ele.

O limite para a concorrência é a subsistência, entretanto este limite é relativo. O trabalhador que conserva certo grau de civilidade tem maiores exigências, enquanto outros não, mas isso não impede que haja disputa entre os dois, e que o primeiro seja obrigado a se submeter a situações mais degradantes para ter como sobreviver. A disputa é ampliada a partir da contratação de mulheres e crianças com início da mecanização, o que vai gerar uma diminuição nos salários. Como sabemos a mão de obra – força de trabalho - sendo uma mercadoria está sujeita às leis do mercado. A migração irlandesa tratada no capítulo quatro é fundamental para que percebamos essa criação do exército reserva de trabalhadores que contribui para a competição instaurada.

Voltando a questão da escravidão para que possamos esclarecer alguns pontos, o que diferencia o proletário do escravo é a sua venda, que não é feita de maneira definitiva e sim pouco a pouco, diariamente, mensalmente. E ele não é vendido por um proprietário, ele mesmo se vende, porque ele não é escravo de um indivíduo, mas de toda classe proprietária.

No capítulo dos resultados é discutido as condições de vida colocadas pela sociedade, condições estas que ocasionam o assassinato da classe trabalhadora e que não permite nem mesmo uma defesa, por não parecer um assassinato. O assassino é todo mundo, mas também é ninguém e a morte parece natural.

As condições são estruturadas a partir de três aspectos: 1) Físicos; 2) Intelectuais e 3) Morais.

No que concernem as condições físicas, Engels retomará o descaso com a moradia, higiene e oxigênio, já tratados nos capítulos iniciais, sinaliza os prazeres negados aos miseráveis, em exceção do sexo e bebidas, fala das doenças (tuberculose, escarlatina, febre tifo) que estão visceralmente ligadas às condições de habitação e alimentação, que feita de maneira inadequada é uma das principais causas do mau desenvolvimento das crianças. A falta de assistência médica de qualidade era um estímulo para o surgimento de charlatões, e a não possibilidade de frequentar até mesmo esses intrujões provocava a automedicação.

Em relação às condições intelectuais a análise partirá dos meios de instrução limitados, escolas depredadas que atendem a uma minoria, lembrando que as crianças também são operárias que trabalham durante a semana, o que lhes toma o tempo de ir a escola. Quanto às condições morais, nossa atenção é direcionada para a forma como os trabalhadores são tratados, como bestas, indicando um processo desumanizador. Se levarmos em conta a posição social e o meio em que vive o proletariado, fica evidente que ele será direcionado a imoralidade.

Quando trata dos operários fabris, Engels nos direciona para competição entre o trabalhador manual e as máquinas. Os trabalhadores perdem pelo fato já conhecido por nós de que as máquinas conseguem produzir com um custo muito menor, o que conseqüentemente casou a eliminação da mão de obra, em particular a masculina. As máquinas fazem a maior parte dos trabalhos, reduzindo a função do operário em pequenas reparações o que não exige força física, apenas dedos ágeis, aqui entra em cena a contratação de mulheres e crianças.

Com a presença das mulheres nas fábricas o que se torna ausente nesse ambiente é a moralidade sexual, as mulheres são violadas. O industrial também é dono do corpo e dos

encantos de suas operárias. Sua fábrica é seu harém. Engels vai tratar detalhadamente das condições de trabalho as quais as mulheres estavam expostas, tocando na gravidez até as deformações pelo corpo que surgiam por conta do excesso de trabalho repetitivo e dos acidentes. Ele utilizou muitos relatórios feitos nas fábricas que comprovavam a responsabilidade dos industriais pelos ocorridos.

O capítulo fundamental para finalizarmos, momentaneamente, nosso passeio por esta obra monumental é o que trata dos movimentos operários. Nele vamos conhecer como se deu as revoltas, em suas diversas formas, diante das injustiças já apresentadas. A primeira delas é *o crime*, vista como a forma mais brutal e estéril, como uma reivindicação individual que logo seria anulada, pois rapidamente os operários verificaram que o roubo não serve para nada. O crime não deixou de acontecer, mas em momento algum foi a expressão geral da opinião pública dos operários.

A oposição da classe dos trabalhadores se deu por meio da rebelião violenta dos operários contra a introdução das máquinas, aqui surge a segunda forma de revolta, *o ludismo*, fábricas foram demolidas e máquinas foram feitas em pedaços, mas essa forma também era isolada, limitada a determinadas localidades e concentrava-se contra um aspecto atual, após o ato os envolvidos eram rigidamente punidos, tendo em vista a não possibilidade de associação para defesa, enquanto as máquinas continuavam a surgir. O que nos leva a relevância da lei aprovada em 1824 que dava aos trabalhadores o direito, que até então era um privilégio reservado à aristocracia e a burguesa, *a liberdade de associação*. Engels assinalam os prejuízos de uma associação clandestina, que impede o desenvolvimento das articulações entre a classe, na obra o autor ressalta a importância da legalização das associações e seus objetivos que transitam desde a fixação de salários, regulamentação dos ganhos em relação aos lucros patronais chegando as importantes greves.

A greve é vista como um sinônimo de consciência, mostrando que se aproxima o confronto decisivo entre o proletário e burguesia, a notável batalha pela emancipação humana. Sendo assim alcançamos a compreensão que o trabalho que estrutura o capital destrutura a humanidade, logo o trabalho que estrutura a humanidade destruturará o capital. Sabemos que o que foi tratado até aqui nos dá apenas um breve panorama desta homérica obra, fundamental para o entendimento de características profundas na nossa realidade, que agora, felizmente, reimpressa no Brasil nos presenteia com a oportunidade de nos aprofundamos ainda mais nessa leitura enriquecedora.